

**FACULDADES INTEGRADAS SANTA CRUZ DE CURITIBA – FARESC
IN LITTERAS – REVISTA DOS CURSOS DE LETRAS E PEDAGOGIA**

**A DANÇA NO CURRÍCULO ESCOLAR: UMA PROPOSTA DE
DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DO SER HUMANO**

REIS, Camila Cassia dos¹

Orientadora: PADILHA, Solange Viaro²

RESUMO

O objetivo deste artigo é apontar a prática da dança como ferramenta educacional para o desenvolvimento integral do indivíduo, a qual deve ser trabalhada de forma a envolvê-lo por completo. É nítida a importância da relação e da parceria dos profissionais docentes para com os estudantes na realização deste processo. No decorrer do trabalho com o corpo, existem diversos aspectos que precisam estar em sintonia. Uma vez que a educação possui a formação dos cidadãos como um de seus principais objetivos, é essencial que durante esse período os alunos comecem a refletir a respeito de suas inseguranças e sobre socialização, de forma a se expressar, se conhecer, conhecer o outro e o meio. Ao falarmos da dança como ferramenta auxiliadora no processo educacional, faz-se necessário que as diferenças desses alunos sejam respeitadas e que se tenha um olhar atento durante a realização do mesmo, rompendo preconceitos. Desta forma, as conclusões alcançadas irão expor a importância do trabalho com a dança, que deve ajudar o aluno a se desenvolver tanto interna quanto externamente, valorizando suas emoções e expressões de forma com que se sinta cada vez mais integrado e conhecedor de si. A pesquisa está embasada nos registros do autor e teórico da dança Rudolf Laban e em alguns documentos que regem a Educação, tais como a Base Nacional Comum Curricular, as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte e Educação Física, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio e outras leis.

Palavras-chave: Dança. Desenvolvimento Integral. Autoconhecimento.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa é parte de reflexões a respeito da colaboração da dança para com os discentes, de modo a mostrar sua contribuição na formação de um novo cidadão. É visto que a dança tende a ser excluída dos conteúdos escolares, sendo utilizada apenas em eventos e datas comemorativas.

¹ Graduada em Pedagogia pelas Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

² Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná. Professora Adjunta das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

Desde 1996, a modalidade de dança foi incluída nos documentos que norteiam a Educação, de forma a auxiliar no processo de aprendizagem. Levou-se em conta a sua contribuição para promover o equilíbrio e o ritmo, uma melhora na coordenação, na flexibilidade, na autoestima, na consciência de si mesmo e, principalmente, no quesito socialização. Entretanto, tudo dependerá do tipo de metodologia empregada.

Visando a relação entre os benefícios proporcionados pelo exercício da dança e o papel educativo da escola, a intenção deste trabalho é analisar a dança como parte do currículo e também como ferramenta para o desenvolvimento integrado do ser humano. A partir disso, pretende-se apresentar brevemente a concepção de dança e sua história na educação, compreender um pouco da legislação da dança na educação, conceituando os benefícios que sua prática proporciona, e explorar alguns elementos da mesma.

Este estudo justifica-se ao apresentar a dança enquanto um processo educacional. Ela pode ser vista não só como um instrumento de obtenção de habilidades, mas também como um processo terapêutico de forma a trabalhar os sentimentos do indivíduo, o ponto da empatia, das frustrações e do autoconhecimento, de modo a valorizar e compreender suas expressões, rompendo preconceitos.

Sua relevância encontra-se no fato de que, muitas vezes, o aluno possui uma sobrecarga interna, devido às diversas problemáticas ou responsabilidades que começam a surgir – frequentemente associadas ao que este indivíduo pretende ser –, articulando-se com a própria escola e sua aprendizagem, com a família, comunidade e até mesmo aspectos pessoais. Acredita-se que o exercício da dança pode fazer com que esse indivíduo libere toda sua energia acumulada, trazendo novas formas de expressividade e comunicabilidade, além de favorecer no processo de socialização e na formação de conhecimento.

Nesse contexto, este artigo tem como problema de pesquisa: Qual é a importância da dança no currículo, visto o desenvolvimento que ela propicia? É fundamental analisar as possibilidades de uma formação de cidadãos de visão ampliada e mais participativa, crítica e autônoma, contribuindo com a sociedade. Tal formação poderá levar o indivíduo a desconstruir alguns pré-conceitos, mas irá fazê-lo sempre respeitando e enaltecendo a liberdade de expressão, construindo-se mais confiante e reforçando sua autoestima.

Assim sendo, para responder tal problemática, a pesquisa tem como objetivo geral analisar a dança como parte do currículo, assim como o desenvolvimento integral do ser humano. Os objetivos específicos consistem em apresentar brevemente a concepção de dança e sua história na educação; compreender a legislação da dança na educação e também conceituar os seus benefícios.

A metodologia de análise utilizada neste artigo baseou-se no tipo qualitativo, com caráter procedimental bibliográfico e documental. Foram lidos livros, artigos, documentos legislativos e dissertações.

Faz-se necessário apresentar, antes de tudo, um pouco do contexto histórico da dança, ressignificando a comunicação do indivíduo integrado por intermédio da expressão corporal. Independentemente da época, o ato de dançar é expressar através do corpo e dos movimentos significativos as experiências essenciais que ultrapassam o uso da palavra, sendo uma prática inseparável do cotidiano.

2 UM BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DA DANÇA

A dança, caracterizada como a arte de movimentar o corpo, é considerada uma ação expressiva, sendo assim, imprescindível para o indivíduo. Para discorrer sobre o tema da dança na escola, faz-se necessário abordar alguns pontos históricos.

Considera-se dança uma expressão representativa de diversos aspectos na vida do homem. Pode ser considerada como linguagem social que permite a transmissão de sentimentos, emoções da afetividade vivida nas esferas da religiosidade, do trabalho, dos costumes, hábitos, da saúde, da guerra, etc. (SOARES *et al*, 1992, p. 82)

Adentrando um pouco em sua história, pode-se apontar que na Antiguidade, antes mesmo de saber falar, os povos utilizavam o corpo – por meio de gestos – como processo de comunicação. Empregavam a dança como manifestação em cerimônias, magias, rituais, para comunicar-se com os deuses e a natureza, além de outras atividades por assim dizer, e também para expressar as suas emoções e sentimentos. Dessa forma, ela era tida como comunicação integral, reunindo corpo, mente e emoções podendo-se dizer que “o ser humano tem para si um repertório gestual que significa o seu elo social (...) e se movimenta devido à necessidade de se expressar” (RENGEL; MOMMENSOHN, 2018, p. 101-102).

Percebe-se, então, que a dança é uma das formas mais primordiais de expressão já experimentada. Ao longo dos anos, o homem foi aprimorando-a, evoluindo diante dos diferentes contextos e conceitos sociais e culturais. Tal processo se deu por meio da relação do indivíduo com o meio. Nesta perspectiva, Verderi (2009) aponta que:

O homem primitivo dançava por inúmeros significados: caça, colheita, alegria, tristeza, exorcizar um demônio, casamento, homenagem aos deuses, à natureza etc. O homem dançava por tudo o que tinha um significado, sempre em forma de um ritual. Podemos dizer que a dança é a arte mais antiga que o homem experimentou e a primeira arte a vivenciar com o nascimento. E como tal, o homem e a dança evoluíram juntos nos movimentos, nas emoções, nas formas de expressão e na arte de transformar os seres deste mundo (VERDERI, 2009, p. 25).

Percebe-se que a dança representa a forma de como o indivíduo se sente, demonstrando diversos sentimentos e aspectos de si próprio, utilizando-a como linguagem corporal e manifestando suas emoções sem o pronunciamento de palavras, já que muitas vezes, as mesmas são insuficientes em algumas situações. “Independente da época, em qualquer lugar do mundo a dança teve para as pessoas o papel de representar o modo como estavam se sentindo, trazendo consigo a expressão de suas características culturais” (SOUZA, 2012, p. 3), de maneira a representar diferentes concepções da vida humana.

As primeiras expressões da linguagem corporal do homem eram registradas por meio de desenhos feitos em rochas e nas paredes de cavernas. Segundo Portinari (1989):

A mais antiga imagem da dança data do Mesolítico (cerca de 8300 A. C.). Foi descoberta na caverna de Cogul, que fica na província de Lérida, na Espanha. Mostra nove mulheres em torno de um homem despido, indicando um ritual de fertilidade. (PORTINARI, 1989, p. 17).

A dança estava relacionada à sobrevivência e ao instinto do homem. Os mesmos criavam rituais dançantes com o intuito de se comunicar e impedir que suas atividades de rotina, como por exemplo, a caça, a pesca e a colheita de frutos, fossem prejudicadas por eventos naturais.

Para Portinari (1989), essas manifestações corporais já exibiam algum tipo de ritmo devido às movimentações realizadas em coro, por meio de filas, rodas e giros, a relação das batidas das mãos e dos pés, e inclusive do ato de bater as pedras para conseguir o fogo. Isso leva ao entendimento de que som e ritmo são elementos que, de maneira geral, se relacionam com a expressividade corpórea.

As danças no Egito eram conhecidas por seu caráter espiritual e sagrado, sendo elas realizadas em grupo em reverência aos deuses egípcios; também se dançava em casamentos e funerais. Os elementos da dança, como por exemplo, o tempo e o ritmo, eram organizados e mantidos na execução dos movimentos. Na iconografia tumular, “vê-se dançarinos, aparentemente especializados, acompanhando cortejos funerários e guiando os defuntos até o limiar da sua vida pós-terrestre” (BOURCIER, 2001, p. 14).

Diante da tradição da cultura da Grécia Antiga, nota-se o quanto “os gregos deram especial importância à Dança desde os primórdios da sua civilização. Ela aparece nos mitos, lendas, cerimônias, literatura e também como matéria obrigatória na formação do cidadão” (PORTINARI, 1989, p. 11). Aos poucos, ela deixou de ser utilizada apenas como fim religioso e passou a ser objeto da educação, da encenação e da filosofia. Tanto que, quando falado em educação de cidadãos, “só se considerava educado o homem que, além de política e

filosofia, soubesse também tocar algum instrumento, cantar e dançar” (PORTINARI, 1989, p. 34).

A dança conquista seu espaço na educação grega com a consolidação de espetáculos ritualísticos (trágicos e cômicos). É importante dizer também que o corpo e o espírito deveriam estar em harmonia. “Os filósofos se manifestaram a favor da dança na educação fosse como complemento artístico, fosse como exercício saudável para se obter uma boa musculatura” (PORTINARI, 1989, p. 34). Para muitos filósofos, a boa saúde e a boa formação do homem estavam relacionadas à prática da dança, a qual os guerreiros deveriam exercitar.

Na Idade Média a dança sofreu um pequeno retrocesso, pois, a autoridade era advinda da Igreja, que proibia manifestações corporais devido à profanidade. Tal autoridade só não conseguiu intervir nas danças dos camponeses, os quais ainda a praticavam no período de plantação e colheita. Essas danças introduziam alguns personagens santos, adentrando assim, nas atividades pertinentes às igrejas.

Neste período surgem os mestres de dança (dançarinos), em decorrência do caráter da dança contada, que possui movimentos codificados. Tais indivíduos são especialistas em sua execução. Esta precisão ganha destaque no tempo do Renascimento, pois a dança passa a ter uma forma mais técnica, disciplinada e culta, surgindo, assim, os espetáculos. Tais espetáculos eram repletos de grandeza devido aos cenários, figurinos e coreografias que apresentavam histórias com começo, meio e fim, passando a ter função de entretenimento.

Avançando um pouco a linha histórica, os movimentos corporais passam a ser mais livremente explorados e estudados, estando mais abertos para as mudanças que aconteciam em seu mundo. Solidifica-se a concepção de que a dança e a arte em si são de grande valor na formação integral do sujeito.

Em 1960, não havia um padrão preestabelecido com relação à dança contemporânea, como por exemplo, o porte físico dos dançarinos e a questão da estética na sua efetividade, que ficaram menos evidentes, pois o que importava era a transmissão dos sentimentos e dos conceitos. Há o desenvolvimento de uma linguagem própria. Propõe-se um novo olhar quanto à determinação de modelos corporais, tendo-se em mente que “todos os corpos dançam” (RENGEL *apud* ASSIS, 2018, p. 33).

Essa ideia da quebra de paradigma tanto da dança como da sociedade era trazida nos espetáculos, construindo um diálogo com o público de forma mais autônoma por parte dos dançarinos. Ao mencionar o trabalho de Rudolf Laban³, Marques (2010) assevera:

Laban reiteradamente ressalta que o dançar deve-se prostrar às emergências de criação, expressividade, compreensão e harmonização de pessoas. Os textos escritos por Laban enfatizam sobremaneira a possibilidade e a necessidade de a dança educar o ‘homem moderno’, as pessoas que vivem em sociedade e que estão constantemente submetidas às suas atrocidades (MARQUES, 2010, p. 76-77).

De acordo com Ossoona (1988), a dança trouxe um caráter de manifestação popular e espetáculo nas culturas antigas. Na Idade Média, veio a ser uma opção de entretenimento do povo e da classe alta. A autora ainda aponta que a dança foi diversificando-se devido ao tempo e às diversas influências sofridas, ganhando, assim, espaço na educação.

Nesta perspectiva, a dança atualmente é compreendida como mais do que mera atividade de divertimento. Ela é tida como uma importante ferramenta que trabalha não apenas com o corpo em si, mas também com a emoção, energia, sentimento e a mente, de forma com que sua prática agregue melhoras na aprendizagem, pois a mesma auxilia o desenvolvimento global do indivíduo. Em sua trajetória, a dança teve sua essência relacionada ao meio pedagógico e ela é, como dita Ferrari (2011), “educação”.

Na história do ensino de arte no Brasil, podemos perceber a pouca participação da dança como conteúdo específico no âmbito da educação escolar. A dança jamais esteve introduzida no currículo como prática obrigatória. Sua presença esteve relacionada, sobretudo, aos festejos escolares e/ou deu-se na configuração de atividades recreativas e lúdicas, não com o fim de promover o seu ensino, mas como um instrumento para atingir os conteúdos de outras áreas. Para ampliar a discussão sobre esta questão, o próximo capítulo irá abordar brevemente a história da dança no Brasil e como se deram as leis curriculares sobre a mesma.

3 A RESPEITO DE ALGUNS DOCUMENTOS LEGISLATIVOS

Com a vinda dos portugueses ao Brasil e com o processo de colonização, as crenças, assim como os costumes e a educação portuguesa, foram postos aos colonizados. Para Francisco Filho *apud* Cintra (2011), os jesuítas utilizaram-se de conhecimentos de pinturas, músicas, danças, inclusive nativas, teatro e festas católicas, lançando mão desses recursos como auxílio na catequese dos povos indígenas. Barbosa (1990) expõe que não havia nenhum

³ Rudolf Laban (1879-1958) foi um estudioso e um dos mais prestigiados teóricos no percurso da dança e da arte do movimento. Laban deixou um valioso legado sobre o tema.

tipo de programa artístico até o século XIX, mas isto muda com a chegada de D. João VI e sua família que, involuntariamente, exigiram mudanças para sua permanência.

Conforme Cintra (2011), foi por meio do surgimento das escolas científicas e técnicas que o ensino artístico teve seu início no país, fazendo da dança um espetáculo, o qual era um entretenimento para a classe dominante. Em muitos momentos, o ensino da dança não satisfazia os processos políticos e educacionais. Diante disto, Strazzacappa e Morandi *apud* Cintra (2011) aponta que o caráter de espetáculo não se encaixava dentro do âmbito escolar, pois, neste meio, os gestos tinham de ser contidos para que fossem privilegiados.

No começo do século XX, a principal apreensão a respeito da Arte era sua implantação nos meios educacionais. A partir dos anos 60 “a disciplina de ginástica, na educação física, e a de desenho em artes, colaboravam para a atual política de crescimento do Brasil” (STRAZZACAPPA; MORANDI *apud* CINTRA, 2011, p. 129). Rudolf Laban (1990) foi uma das primeiras pessoas, como teórico, a ter uma preocupação com a questão da dança no âmbito escolar. Seus estudos e suas propostas tiveram influência sobre o ensino de dança nas escolas. Para ele, “nas escolas onde se fomenta a Educação Artística, o que se procura não é a perfeição ou a criação e execução de danças sensacionais, mas o efeito benéfico que a atividade criativa da dança tem sobre o aluno” (LABAN, 1990, p. 18).

Na década de 1970, a arte tornou-se uma atividade educativa nas escolas, uma obrigatoriedade, a qual foi nominada de Educação Artística e avaliada oportuna para a formação dos sujeitos. No entanto, uma das dificuldades encontradas foi que “a música, o teatro e as Artes Plásticas, que são atividades específicas, foram agrupados num mesmo bloco” (CINTRA, 2011, p. 130).

A dança passa a existir no cenário educacional, não como uma matéria à parte, porém, inserida junto com o teatro. Posteriormente, fez-se presente no currículo escolar devido à sua colaboração para o desenvolvimento físico do aluno. Por esse motivo, esteve introduzida mais no cenário da Educação Física, mesmo sendo uma das linguagens da Arte.

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) instituiu em território nacional a obrigatoriedade do ensino de Arte na educação básica. O artigo 26, parágrafo 2º, situa: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (BRASIL, 1996, p. 1).

A proposta em questão visava, além do desenvolvimento cultural como cita a lei, o despertar da curiosidade pela arte e conseqüentemente, a percepção corporal. Porém, essa visão cultural pode parecer ainda restrita, pois, muitos profissionais não detêm uma formação especializada ou a própria instituição utiliza a dança apenas em comemorações festivas do

calendário, e não “como um recurso pedagógico de grande valia para a aprendizagem, o qual auxilia o processo de construção do conhecimento, através da interação entre o corpo e a mente” (LIMA, 2018, p. 1). Muitas vezes, ela surge como disciplina optativa, fazendo com que a dança seja apenas uma atividade extracurricular, o que restringe o uso da mesma.

Em 1997, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) foram publicados e mostravam a inclusão da dança como linguagem artística no rol da disciplina de Arte, de forma a encará-la como atividade educativa, que proporciona conhecimento ao indivíduo. Segundo o documento, a dança

pode desenvolver na criança a compreensão de sua capacidade de movimento mediante um maior entendimento de como seu corpo funciona. Assim, poderá usá-lo expressivamente com maior inteligência, autonomia, responsabilidade e sensibilidade (BRASIL, 1997, p. 49).

Além disso, é dito que a Arte também proporciona um desenvolvimento mais amplo da percepção do corpo, do desempenho do movimento, do espaço em torno do indivíduo, além de facultar maior reflexão e imaginação. “Dentre as proposições da Arte se destacam o desenvolvimento coletivo e individual, cognitivo, motor e expressivo, bem como as possibilidades oferecidas para o desdobramento do tripé corpo, dança e sociedade” (ASSIS, 2018, p. 63). Estimula-se, assim, a autonomia e a sensibilidade do aluno por meio das expressões artísticas. O próprio documento correspondente à Arte reconhece o desenvolvimento integral do indivíduo por meio da dança. Ainda nesta conjuntura,

a Educação Física desenvolvida de forma consciente, respeita as diferenças [...], ou seja, as individualidades de cada um e não dicotomiza o ser humano, não separando o corpo físico do mental, entendendo que ambos funcionam de modo integral (PINHEIRO *apud* LONDERO, 2011, p. 14).

O PCN correspondente à Educação Física aponta que, por meio da dança, “os alunos poderão conhecer as qualidades do movimento expressivo como leve/pesado, forte/fraco, rápido/lento, fluido/interrompido, [...] intensidade, duração e direção” (BRASIL, 1998, p. 73). O documento aponta também a busca da prática pedagógica “visando às relações afetivas, cognitivas e socioculturais do aluno” (ASSIS, 2018, p. 61).

Conforme Simões (2017), os PCN afirmam que,

o conhecimento da dança está previsto nas áreas de formação de professores de Educação Física e Arte, além de uma formação própria nos cursos de licenciatura e bacharelado em dança. O documento também contempla a dança como um conteúdo a ser trabalhado nas aulas de Educação Física e Arte na escola, mostrando a sua importância na formação de indivíduos mais críticos e criativos para a sociedade (SIMÕES, 2017, p. 1).

Entende-se que, como complementação, a dança aparece nas duas áreas de conhecimento, tanto em Arte como em Educação Física. Suas práticas possuem foco em objetivos distintos, porém, se entrelaçam quanto à utilização corporal como artifício para a aquisição de conhecimento.

Diante do que diz Soares *et al* (1992), a Educação Física é uma matéria que,

trata, pedagogicamente, na escola, do conhecimento de uma área denominada aqui de cultura corporal. Ela será configurada com temas ou formas de atividades, particularmente corporais [...]: jogo, esporte, ginástica, danças ou outras, que constituirão seu conteúdo. O estudo desse conhecimento visa aprender a expressão corporal como linguagem (SOARES *et al*, 1992, p. 83).

Mesmo que reconhecido por lei, o ensino da dança carrega grandes desafios consigo e tem seus potenciais pouco compreendidos. Muitos docentes, apesar de trabalharem com a dança em suas aulas, muitas vezes não sabem lidar com ela, não possuem uma proposta definida, não compreendem o porquê de a ensinarem ou até mesmo o seu significado. Naturalmente, essa falta de formação por falta dos docentes pode comprometer ou interferir no processo educacional.

Outra questão importante a ser levantada é um possível preconceito ou certa intolerância de gênero com relação à participação masculina em aulas ou grupos de dança. Muitos jovens, dependendo do meio social em que estão inseridos, sentem-se envergonhados por pensarem que o ato de dançar pode lhes diminuir, lhes afetar de alguma forma. Isto também pode estar ligado à falta de incentivo por parte dos pais, professores e colegas, sem mencionar o despreparo de profissionais da educação para lidar com esse tipo de situação.

O papel do professor na desmistificação de ideias preconcebidas e errôneas é fundamental. É importante lembrar que na relação professor-aluno deve haver interação, pois a harmonia e o respeito são essenciais para uma aprendizagem mais efetiva. Faz-se extremamente necessário que haja reconhecimento do ensino da dança como atividade curricular. As escolas devem integrá-la e admitir professores especializados, tomando consciência de que “o ensino de arte é parte integrante da formação do cidadão” (STRAZZACAPPA, 2003, p. 1).

No ano de 2016, a Lei 13.278/2016 foi publicada e a mesma introduz nos currículos dos diferentes níveis do ensino básico a música, as artes visuais e as artes cênicas, que contemplam o teatro e a dança. Essa nova lei modifica a LDB (Lei 9.394/1996), determinando um “prazo de cinco anos para que os sistemas de ensino promovam a formação de professores para implantar esses componentes curriculares no ensino infantil, fundamental e médio”

(BRASIL, 2016, p. 1), fazendo com que haja a promoção do desenvolvimento cultural dos educandos.

Em outro documento, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que teve sua última versão publicada em 2017, traz consigo dentro da disciplina da Arte a afirmação de que:

A Arte propicia a troca entre culturas e favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças entre elas. Nesse sentido, as manifestações artísticas não podem ser reduzidas às produções legitimadas pelas instituições culturais e veiculadas pela mídia, tampouco a prática artística pode ser vista como mera aquisição de códigos e técnicas. A aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e a vivência artísticas como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores (BRASIL, 2017, p. 191).

Além disto, é de sua proposta que as linguagens da Arte vinculem “seis dimensões do conhecimento que, de forma indissociável e simultânea, caracterizam a singularidade da experiência artística” (BRASIL, 2017, p. 192), como por exemplo, a criação, a crítica, a estesia, a expressão, a fruição e a reflexão. Articuladas a estas dimensões, cada linguagem estabelece uma unidade temática, unificando habilidades e objetos de conhecimento.

Dentro do segmento da Educação Física, a dança também aborda a articulação de seis dimensões do conhecimento: a experimentação, o uso e apropriação do conhecimento, a fruição, a reflexão sobre a ação, a construção de valores, a análise, a compreensão e o protagonismo comunitário. De acordo com a BNCC,

Por sua vez, a unidade temática Danças explora o conjunto das práticas corporais caracterizadas por movimentos rítmicos, organizados em passos e evoluções específicas, muitas vezes também integradas a coreografias. As danças podem ser realizadas de forma individual, em duplas ou em grupos, sendo essas duas últimas as formas mais comuns. Diferentes de outras práticas corporais rítmico-expressivas, elas se desenvolvem em codificações particulares, historicamente constituídas, que permitem identificar movimentos e ritmos musicais peculiares associados a cada uma delas (BRASIL, 2017, p. 216).

No Ensino Médio, “a abordagem integrada da cultura corporal de movimento na área de Linguagens e suas Tecnologias aprofunda e amplia o trabalho realizado no Ensino Fundamental” (BRASIL, 2017, p. 475), trazendo possibilidades de compreensão aos educandos quanto às práticas corporais, aperfeiçoando-se “principalmente em consciência e equilíbrio corporal, coordenação, orientação espaço-temporal, criatividade, o ritmo, espírito grupal, autoestima, aprimoramento físico e mental” (CDOF - Cooperativa do Fitness, 2009 *apud* LONDERO, 2011, p. 15). Assim sendo, não se trata somente da inserção de mais uma atividade curricular, mas de algo que seja prazeroso aos discentes, proporcionando-lhes um desenvolvimento mais integrado.

Como acréscimo a este capítulo, se faz necessário apontar a escassez bibliográfica sobre a questão da dança na educação. Contudo, há esperança, posto que isto “tende a se modificar nos próximos anos em virtude da atual existência no Brasil de quinze cursos superiores de dança e mais uma dezena de cursos de nível de pós-graduação, entre especialização, mestrado e doutorado” (STRAZZACAPPA, 2003, p. 1), o que certamente fará surgir mais pesquisas reflexivas sobre esse campo de conhecimento.

Desta maneira, a dança vai conquistando seu espaço nas escolas, proporcionando experiências e múltiplos desenvolvimentos, encorajando os indivíduos praticantes a se libertarem de maneira autônoma das tensões e pressões externas. No capítulo a seguir, serão apresentados os benefícios para o desenvolvimento integral do educando, de modo a ampliar sua sensibilidade para uma percepção nova sobre o mundo, propiciando reflexões sobre valores e costumes por meio da vivência da dança.

4 A CONTRIBUIÇÃO DA DANÇA NO AMBIENTE ESCOLAR

Para compreender a relevância de se incluir a dança de forma efetiva nas instituições educacionais, faz-se necessário assimilar os benefícios que ela proporciona, abordando aspectos afetivos, sociais e físicos. Seguindo esta perspectiva, Pereira (2001) conceitua que,

a dança é um conteúdo fundamental a ser trabalhado na escola: com ela, pode-se levar os alunos a conhecerem a si próprios e/com os outros; a explorarem o mundo da emoção e da imaginação; a criarem; a explorarem novos sentidos, movimentos livres [...]. Verificam-se assim, as infinitas possibilidades de trabalho do/para o aluno com sua corporeidade por meio dessa atividade (PEREIRA, 2001, p. 61).

É interessante que a dança ganhe um âmbito maior nas escolas, em função de seus aspectos positivos frente à construção do indivíduo, como também pelos benefícios que auxiliam na aprendizagem, no enriquecimento da autoestima e até mesmo no combate aos sintomas de depressão e estresse, de forma a explorar e estimular a criatividade e o autoconhecimento. Deve-se ter em mente que o foco não é formar bailarinos, mas sim estabelecer um vínculo efetivo do aprender com o expressar através de movimentos que auxiliam na preparação do corpo e da mente para o processo de desenvolvimento. Observa-se ainda que o objetivo da dança tem se voltado para “o autoconhecimento e a construção desse conhecimento” (LIMA, 2018, p. 1).

Frente ao desenvolvimento dos pontos de vista afetivo e social, que configura um dos objetivos da Educação, o exercício da dança proporciona ao indivíduo transformações internas e externas, como por exemplo, em seu comportamento, no modo de pensar e se expressar, além de obter a capacidade de transpassar aquilo que pensa e entende,

demonstrando suas habilidades e seus conhecimentos. Além disso, permite que o mesmo busque sua personalidade e aprenda a conviver consigo e com o outro de maneira prazerosa, podendo, por meio desse relacionamento, reconhecer semelhanças e diferenças de forma respeitosa.

Afinal, “quando criamos e nos expressamos por meio da dança, interpretamos seus ritmos e formas, aprendemos a relacionar o mundo interior com o exterior” (LABAN apud LIMA, 2018, p. 1). Naturalmente, isso possibilita um descobrimento corporal próprio e espontâneo, o reconhecer de que cada um possui maneiras diversas de se movimentar e respeitar as individualidades.

Uma questão bastante levantada atualmente é a dificuldade de se viver em sociedade, devido aos diversos tipos de pré-conceitos e preconceitos existentes, o que traz à tona diversas opiniões e a problemática da aceitação x reprovação. Nesse sentido, a dança pode auxiliar o indivíduo na integração social e de certa forma diminuir conflitos, pois, estará unindo a mente e o corpo. Segundo os PCN da Educação Física,

essas práticas corporais permitem ao indivíduo experimentar e expressar um conjunto de características de sua personalidade, de seu estilo pessoal de [...] dançar [...]. Mais ainda, de sua maneira pessoal de aprender [...] a dançar [...]. Pode-se falar em estilo agressivo, irreverente, obstinado, elegante, cerebral, ousado e retraído, entre outros. Nessas práticas o aluno explicita para si mesmo e para o outro como é, como se imagina ser, como gostaria de ser e, portanto, conhece e se permite conhecer pelo outro (BRASIL, 1997, p. 30).

O objetivo do exercício da dança também não é fazer com que exista competitividade por meio da sequência de movimentos, mas sim, deixar claro até mesmo para os alunos que movimento é expressão, uma comunicação que tem o intuito de ajudá-los a se tornarem, de forma autônoma, indivíduos críticos, interativos, responsáveis e que consequentemente consigam se auto expressar. Para isso, a prática dentro do contexto educacional deve ser pensada e realizada de forma respeitosa para com o discente e sua respectiva liberdade de expressão.

Nas palavras de Lima (2018), por meio da dança pode-se realizar “momentos de reflexão, pesquisa, comparação, desconstrução das danças que apreciamos (ou não) e, assim, [...] agir crítica e corporalmente em função da compreensão, desconstrução e transformação de nossa sociedade” (LIMA, 2018, p. 1). Observa-se que a evolução da dança segue padrões sociais nascidos da necessidade de expressão do homem.

Nesta perspectiva, a autora ainda contribui dizendo que “a dança deve trabalhar a sensibilidade, a expressão e suas possibilidades de ampliação e a comunicação corporal” (LIMA, 2018, p. 1). A prática faz com que o corpo e a criatividade aflorem e

instantaneamente auxiliem no desenvolvimento da aprendizagem. É necessário que se tome cuidado com o ensino de técnicas de modo excessivo ou autoritário, pois, os alunos podem perder o interesse pela prática se não forem estimulados de forma agradável e livre. Se reprimidos ou limitados, poderão não participar ativamente das atividades. Na visão de Cabral,

A dança para o contexto escolar foi amplamente discutida por Laban (1990), que demonstrou grande interesse em introduzir essa linguagem artística e educativa no processo educacional. Ele foi um importante estudioso do movimento humano, e sua proposta era a liberdade que possibilita o homem se expor por seus movimentos e encontrar a autossuficiência no próprio corpo (CABRAL, 2016, p. 385).

É importante ressaltar que a dança deve estar ligada à questão do ensino x realidade. O contexto e as necessidades de cada aluno (sujeito ativo desse processo) devem ser levados em consideração, pois o ajudarão a analisar e refletir criticamente sobre suas relações, sobre a importância e também os benefícios de tal ensino. Isso fará com que a prática passe a fazer sentido. Caso contrário, o aluno verá a dança como um mero passatempo e não surtirá o efeito esperado.

De acordo com Verderi (2009) “[...] a dança na escola deverá ter um papel fundamental como atividade pedagógica [...] e por meio dessas mesmas atividades reforçar a autoestima, a autoimagem, a autoconfiança e o autoconceito” (VERDERI, 2009, p. 12), visando o desenvolvimento social, intelectual, emocional e físico do aluno. Tal prática tende a ampliar sua confiança e seu olhar para a sociedade, levando-o a interagir e entender o ponto de vista do outro.

A dança trabalhará com os aspectos da atenção, observação, raciocínio, memorização, exploração e curiosidade. Ao viver experiências por intermédio do corpo, o qual ocupa um espaço, possui desejos e relaciona-se com a natureza, o indivíduo aprimora sua conexão com o mundo. De maneira geral, mediante o exercício da dança, o sujeito sente ampliar sua vontade de superação em quaisquer quesitos.

O corpo em questão entende-se por interno e externo, por movimentos e passos que, se instigados pela emoção, podem transmitir de maneira autêntica aquilo que está reprimido. É fundamental que o indivíduo reconheça suas emoções e a do outro, aprenda a lidar com elas, sinta empatia e exteriorize sua sensibilidade. A dança pode ajudar os indivíduos com características agressivas; por meio da auto expressão, o excesso de energia do sujeito é canalizado para a realização de um trabalho em equipe. Pode ainda ser utilizada como método de inclusão, pois

a visão do homem como um todo é a mola propulsora de um desenvolvimento global, e a estimulação [...] através da arte, principalmente da dança, tem se mostrado importante também como terapia nas dificuldades de aprendizagem e em algumas deficiências físicas ou psicológicas. (MALLMANN; BARRETO, 2018, p. 9).

Tendo em vista que a dança pode ser praticada de forma terapêutica, é importante visar o trabalho corporal, fazendo com que o indivíduo se veja por completo. Isso pode ampliar sua consciência corporal, levando-o a conseguir se questionar e se compreender de forma a expressar-se naturalmente. A propositura de Rudolf Laban possibilita ao aluno aprender e demonstrar seus sentimentos através do movimento, respeitando o ritmo interno e externo de cada indivíduo, de modo a considerá-lo integrado (corpo e mente).

Na visão de Scarpato (2001, p. 62), “as propostas de Laban e Freinet podem integrar-se numa proposta de ensino de Dança Educativa nas escolas”, pelo fato de auxiliarem no desenvolvimento do discente nos aspectos da “aprendizagem, compromisso, cidadania, responsabilidade, interesse, senso crítico, criatividade, envolvimento, socialização, comunicação, livre expressão, respeito, autonomia e cooperação” guiando o indivíduo para a “ação-sensação-reflexão” (SCARPATO, 2001, p. 62). Ainda de acordo com Scarpato (1999), Freinet pensava que o exercício é essencial à vida e que desenvolver o físico e a mente é um dever da escola, já que “a saúde é prática corporal educativa”. (SCARPATO, 1999, p. 54).

Ao refletir em relação à dança/educação, Nanni afirma que,

a dança possibilita a educação integral, pois como processo educacional faculta: perfeita formação corporal; espírito socializador; possibilita o processo criativo; desenvolve aspectos éticos e estéticos. Ela é a manifestação da essência do ser humano nas suas faculdades físico mental e emocional pela necessidade intrínseca do mesmo se expressar e comunicar-se com seus semelhantes. A nossa sociedade compartimentaliza muito o homem: primeiro ele pensa, depois cria e por fim age. A dança/educação procurando desenvolver as potencialidades integradas do ser, concorre para a educação integral (NANNI *apud* SOUZA, 2012, p. 5).

“A dança constitui, então, além de um instrumento para o autoconhecimento, um instrumento para o conhecimento do outro em seu espaço” (PCNEM, 2006, p. 197), abrindo caminhos para a expressividade e o desbloqueio de sentimentos. Aos poucos, esse processo pode induzir o sujeito a desinibir-se, levando-o a extravasar suas angústias acumuladas. Nesse sentido, a dança pode compensar um possível desequilíbrio e funcionar

como válvula de escape às tensões emocionais, como uma fonte de lazer para o homem estressado pelo desgaste diário, e outras. O homem é uma soma de energias físicas, emocionais, intelectuais e espirituais e deve desenvolver-se e aprimorar-se através do processo educativo em todos os seus atributos e valores. A dança faz parte deste processo. Ela vem ao encontro destas necessidades para atender as metas da educação, contribuindo amplamente para o desenvolvimento integral do ser humano, pela sua perfeita formação corporal, espírito de socialização (trabalho de

equipe); por sua criatividade (estímulo à imaginação e ao espírito criador); pelo incentivo a descobertas dos princípios do universo, pelos aspectos estéticos e talentos que faz desabrochar no homem, transformando-o e tornando-o integrante e integrado à comunidade em que vive (NANNI apud SOUZA, 2012, p. 6).

Por isso a importância de os docentes buscarem tarefas que estimulem adequadamente seus alunos, proporcionando a eles uma qualidade de vida, possibilidades de enriquecimento e crescimento consciente diante da sociedade na qual estão inseridos. Seja no campo da Educação Física ou da Arte, o importante é possibilitar hábitos saudáveis, integrando a mente e o corpo, o mundo que existe fora e dentro de si.

Existe o desenvolvimento da compreensão corporal, em que se trabalham de modo integral os aspectos social, mental, espiritual e físico. E há, também, a influência da criação coreográfica baseada nos conceitos de Laban, que lida com a exploração espacial, usando a dança como elemento de formação e compreensão do indivíduo no meio social, estudando a expressividade, o movimento e o espaço. Segundo essa visão, procuram-se os benefícios da prática sobre o indivíduo e sua inclusão em grupos, e não a dança perfeita.

As observações de Laban trazem o aspecto do corpo propriamente dito, da qualidade ou esforço, do espaço que é utilizado e das relações que se tem com os outros indivíduos diante do movimento. Os fatores do peso, tempo, espaço e fluência, explicitados a seguir, são originários do esforço, e este, por sua vez, se traduz em movimento. Na descrição de Rengel e Mommensohn (2018):

Peso: Pode ser leve ou firme (ou forte ou pesado). O peso analisa o movimento em termos da quantidade de força despendida para realizá-lo - é a energia do movimento.

Tempo: Pode ser rápido ou lento (com nuances como, por exemplo, rapidíssimo ou lentíssimo, isto valendo para o peso também). Este fator indica em que *timing* o movimento se produz, ou seja, se ele é métrico (medidas de tempo) ou não-métrico (a respiração, as batidas do coração).

Espaço: Pode ser direto ou flexível. Aponta o tipo de trajeto que o movimento traça no espaço e como se dirige nesse espaço.

Fluência: Pode ser livre ou controlada. Ela revela o fluxo do peso, tempo e espaço, detectando-o em várias atividades biológicas do homem (RENGEL; MOMMENSOHN, 2018, p. 103).

Segundo Laban (1990), em nosso dia-a-dia todos realizamos ações de acordo com nossos pensamentos e sentimentos. Estes, por sua vez, utilizam-se de movimentos, e por meio destes fatores, pode-se especificar as qualidades de leve/forte, direto/flexível, lento/súbito, controlado/livre. Tais fatores são próprios de cada indivíduo, pois, ao executar um movimento, cada um possui sua forma, ritmo, peso e fluência, o que diferencia um indivíduo do outro e acaba por marcar um pouco da sua personalidade.

Dado que cada um tem seu jeito de lidar com esses fatores, cabe ao profissional docente trabalhar a consciência desse movimento com cada aluno e também o movimento oposto, fazendo-o experimentar novas possibilidades de utilização na dança e na vida. Afinal,

A dança configura-se como uma ação cognitiva do corpo, que envolve a experiência de sensibilidade estética. Se validada como área de conhecimento e colocada no mesmo patamar das demais disciplinas – distanciada de premissas dualistas como corpo x mente, que contrapõem e emitem juízo de valor sobre as atividades –, a dança poderia vir a proporcionar posicionamentos crítico-reflexivos nos estudantes, fundamentados em suas próprias experiências, aliados a conhecimentos provenientes de outras áreas, podendo estimular, dessa forma, um olhar diferenciado, abrangente e crítico acerca do mundo (CURVELO, 2016, p. 338).

A inserção efetiva da dança dentro do currículo educacional, como já mencionado, não deve se preocupar com a ação performática, mas sim com a quebra de certos preconceitos que são relacionados a ela. Pode-se trabalhar, por exemplo, com conteúdos que abordem o domínio corporal, a diversidade cultural, a diferença entre gêneros, despertando sempre o senso crítico e a sensibilização dos discentes tanto para suas ações como para suas necessidades de atuação na sociedade.

Por assim dizer, a prática da dança no meio educacional se faz significativa, uma vez que proporciona ao aluno o conhecimento de si, do outro, do espaço e do tempo, além de abranger os aspectos socioafetivo e motor. Desse modo, auxilia os indivíduos a serem mais atuantes na sociedade, pois, tal prática proporciona a interação com o mundo. Ao trabalhar com o corpo, o aluno se torna mais espontâneo, expressando melhor e de forma natural os seus desejos, pois começa a se questionar e a compreender tudo o que se passa ao seu redor e consigo mesmo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a Antiguidade, o indivíduo expressa seus desejos por meio do corpo – antes mesmo da palavra –, visto que tal expressão era uma ação natural. Atualmente, pode-se dizer que o homem está racionalizando sua sensibilidade corporal. O objetivo da dança, então, é auxiliar e facilitar o desenvolvimento integral do indivíduo frente à sociedade em que está inserido, de forma a que possa compreender o mundo e a si mesmo, colaborando para coexistir socialmente e buscar ressignificar o mundo construído.

No ambiente escolar, a Educação Física estuda a cultura corporal do movimento, integrando os eixos da dança, ginástica, luta, esporte e jogo, utilizando-se das manifestações corporais para gerar comunicação. A Arte, por sua vez, aproxima-se da natureza e cultura humanas, e permite a descoberta de si e do espaço, pois, toda ação humana possui atividade

corporal. Devido à falta de clareza sobre sua real função no meio escolar, o ensino da dança se depara com algumas dificuldades. Para atenuar ou até mesmo impedir tais obstáculos, é preciso que se resgate a ideia do indivíduo como ser integral, de modo que suas emoções sejam consideradas.

A prática dançante no espaço escolar possui o intuito de resgatar de modo natural, por intermédio do movimento corporal, a expressão das emoções, que auxiliam na integração. Muitas vezes, os alunos podem enfrentar problemas de autoestima ou algum tipo de preconceito, e assim, acabam de certa forma se excluindo do seu meio cada vez mais. É nos momentos da prática da dança que os discentes terão a oportunidade de se conhecer e de se soltar, tornando-se mais autoconfiantes.

É importante que os alunos se identifiquem como parte integrante da sociedade, para que na atualidade e no futuro continuem a participar de forma ativa na melhoria da qualidade da mesma. Para que isso ocorra, é fundamental que eles se conheçam e vejam a si mesmos com um olhar especial. As práticas dançantes os deixarão empolgados, tornando-os participativos, autônomos, conhecedores de si e do outro. A dança poderá funcionar como a ferramenta que irá lhes proporcionar tal integração, devido ao envolvimento emocional, social e corporal que ela abrange.

Fica claro o valor que deve ser atribuído às relações intra e interpessoais por parte da instituição. É de fundamental importância que os professores consigam auxiliar os alunos a enfrentarem suas dificuldades, ajudando-os, dessa maneira, a serem conhecedores do seu potencial e do potencial do próximo, de forma a fazer surgir o respeito mútuo. É essencial salientar também o auxílio que tal prática pode trazer para o desenvolvimento do pensar criativo, da reflexão sobre suas ações e da comunicação espontânea, estimulando o indivíduo de maneira libertadora. Caso contrário, o objetivo em questão não será alcançado.

Além de o docente ter que saber sobre o mundo de seu aluno, é necessário que igualmente exista o diálogo entre escola e família. Esta relação poderá auxiliar na formação de cidadãos, visto que é um trabalho que deve ser realizado em conjunto. Seria muito interessante que pais, funcionários e comunidade em geral também tivessem acesso à dança na escola, com o mesmo intuito de expor as diferenças dentro da sociedade e trabalhar com elas, de modo a sensibilizar a todos para a questão. No entanto, tal implementação e tal estudo fogem do escopo deste artigo.

Sabe-se que muitos profissionais não possuem especialização em dança ou não aderem a uma formação continuada, o que muitas vezes leva à desvalorização da própria área. Por isso, a necessidade de um olhar mais cuidadoso para esta questão, sendo importante que cada

vez mais haja estudo e capacitação para professores, tanto em dança como em diversas áreas do conhecimento humano. Os professores devem procurar não se acomodar e sim ter sede de querer melhorar. A consequência seguramente seria sentida pelos alunos que, respeitados em suas particularidades, seriam conduzidos a um amplo desenvolvimento, tomando consciência de si, sentindo-se mais realizados e confiantes.

A investigação proposta neste artigo não esgota outras possibilidades de estudo. Diante da insuficiência bibliográfica especializada, se faz essencial a continuidade da pesquisa, com o intuito de abordar algumas metodologias possíveis da dança na educação, de modo a contribuir com discussões futuras.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Nayara Silveira Bernardes de. **A dança na escola: um mapeamento das produções discentes dos programas de pós-graduação no Brasil de 2012 a 2016**. 138f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

BARBOSA, Ana Mae. **Teoria e prática da Educação Artística**. São Paulo: Cultrix, 1990.

BOURCIER, Paul. **História da Dança no Ocidente**. Tradução Marina Appenzeller. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base**. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>. Acesso em: 15 out. 2018.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base: Ensino Médio**. 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site.pdf. Acesso em: 15 out. 2018.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 18 ago. 2018.

BRASIL. Lei nº 13.278, de 2 de maio de 2016. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2016/lei-13278-2-maio-2016-782978-publicacaooriginal-150222-pl.html>. Acesso em: 18 ago. 2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias/Secretaria de Educação Básica.** Brasília: MEC/SEB, 2006.

BRASIL. **Senado Federal:** Lei inclui artes visuais, dança, música e teatro no currículo da educação básica. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/05/03/lei-inclui-artes-visuais-danca-musica-e-teatro-no-curriculo-da-educacao-basica>. Acesso em: 18 ago. 2018.

CABRAL, Sonia Aparecida. **Graduações em dança no Brasil: o que será que será?** Dançando na Escola: a influência na escolha de um futuro profissional. 2016. Disponível em: http://www.ifdj.com.br/site/wp-content/uploads/2016/07/IX-Seminarios-de-Danca-Graduacoes-em-Danca-no-Brasil_Varios-Autores.pdf. Acesso em: 18 ago. 2018

CINTRA, Rosana Carla Gonçalves Gomes. A dança no Brasil: alguns caminhos percorridos até se tornar parte integral da educação em Arte. **Rascunhos Culturais**, Coxim, MS, v. 2, n. 4, p. 125-139, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://docdanca.files.wordpress.com/2013/10/cintra-rosana-carla-gonc3a7alves-gomes-a-danc3a7a-no-brasil-alguns-caminhos-percorrido-atc3a9-se-tornar-parte-integral-da-educac3a7c3a3o-em-arte.pdf>. Acesso em: 01 set. 2018.

SOARES, Carmem Lúcia *et al.* **Metodologia do ensino de Educação Física.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

CURVELO, Marília Nascimento. **Graduações em dança no Brasil: o que será que será?** A dança nas escolas de ensino médio da rede pública estadual de Salvador. 2016. Disponível em: http://www.ifdj.com.br/site/wp-content/uploads/2016/07/IX-Seminarios-de-Danca-Graduacoes-em-Danca-no-Brasil_Varios-Autores.pdf. Acesso em: 18 ago. 2018

FERRARI, Marina Barbieri. **Por que Dança na escola?** 2011. Disponível em: <https://fefd.ufg.br/n/7944-por-que-danca-na-escola>. Acesso em: 02 set. 2018.

LABAN, Rudolf. **Dança educativa moderna.** São Paulo: Ícone, 1990.

LIMA, Meriele Santos Atanazio da Silva. **A Importância da dança no processo Ensino Aprendizagem:** a dança aprimorando as habilidades básicas dos padrões fundamentais do movimento. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-importancia-danca-no-processo-ensino-aprendizagem.htm>. Acesso em: 06 jun. 2018.

LONDERO, Rosana Maria Alves. **A dança na escola e a coordenação motora.** 2011. Disponível em: http://www.nead.fgf.edu.br/novo/material/monografias_arte_educacao/rosana_maria_alves_londero.pdf. Acesso em: 18 ago. 2018.

MALLMANN, Maria de Lourdes Cardoso; BARRETO, Sidirley de Jesus. A dança e seus efeitos no desenvolvimento das inteligências múltiplas da criança. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Arte/artigos/danca_intelig.pdf. Acesso em: 06 jun. 2018.

MARQUES, Izabel A. **Linguagem da Dança:** arte e ensino. São Paulo: Digitexto, 2010.

OLIVEIRA, Rafael Cavalheiro de; MUZEL, Andrei Alberto; SANTOS, Mariól Siqueira. A importância da dança na Educação Infantil. Disponível em: http://fait.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/lupTy4EkojpUN2D_2014-4-22-15-43-53.pdf. Acesso em: 06 jun. 2018.

OSSONA, Paulina. **A educação pela dança**. Tradução de Norberto Abreu e Silva Neto. São Paulo: Summus, 1988.

PEREIRA, Sybelle Regina Carvalho. Dança na escola: desenvolvendo a emoção e o pensamento. **Revista Kinesis**. Porto Alegre, n. 25, jul./dez. 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/10137>. Acesso em: 06 jun. 2018.

PORTINARI, Maribel. **História da Dança**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

RENGEL, Lenira Peral; MOMMENSOHN, Maria. **O Corpo e o conhecimento: dança educativa**. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_10_p099-109_c.pdf. Acesso em: 04 jun. 2018.

SCARPATO, Marta Thiago. Dança Educativa: um fato em escolas de São Paulo. **Cadernos Cedes**. São Paulo, n. 53, abr. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v21n53/a04v2153.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2018.

SCARPATO, Marta Thiago. **O corpo cria, descobre e dança com Laban e Freinet**. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 1999.

SIMÕES, Renata Duarte. O processo de legitimação do ensino da dança na escola e a formação de professores – exclusivo. **Pensar a Educação em Pauta – Um Jornal para a Educação Brasileira**. 2017. Disponível em: <http://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/o-processo-de-legitimacao-do-ensino-da-danca-na-escola-e-a-formacao-de-professores-exclusivo/>. Acesso em: 18 ago. 2018.

SOUZA, João Batista Lima de. A dança como possibilidade de ação educativa libertadora. **Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**. 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/892/789>. Acesso em: 01 set. 2018.

STRAZZACAPPA, Márcia. Dança na educação: discutindo questões básicas e polêmicas. **Pensar a prática**, v. 6, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/55/2648>. Acesso em: 18 ago. 2018.

STRAZZACAPPA, Márcia; MORANDI, Carla. **Entre a arte e a docência: a formação do artista da dança**. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

VERDERI, Érica. **Dança na escola - uma proposta pedagógica**. São Paulo: Phorte, 2009.